

LAGO DO JUÁ: PERCEPÇÃO DOS PESCADORES LOCAIS ACERCA DOS CONFLITOS AMBIENTAIS¹

Alessandra Dyana Branches da Silva
(Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA)

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar saberes e práticas da população pesqueira que mora às margens do Lago do Juá, município de Santarém, Estado do Pará, enfatizando a pesca de subsistência como modo de vida e seus saberes e práticas em relação ao uso e conservação do Lago. A abordagem metodológica se deu por meio de levantamento bibliográfico, observação participante e entrevista semiestruturada. A análise dos dados permitiu indicar que a relação entre a água, os peixes e o homem ao longo dos anos foi se transformando em uma problemática socioambiental provocada após intervenções urbanas que atingem diretamente o Lago, tais como o desmatamento para a implantação de projetos habitacionais como o Projeto Buriti, assim como pelo escoamento do esgoto das casas do “Programa Minha Casa Minha Vida”, do governo federal que desemboca no Lago. Por fim, concluímos por meio da perspectiva dos pescadores, que é necessário repensar constantemente práticas que viabilizem a melhoria da qualidade de vida, com menor impacto possível no Lago do Juá.

ABSTRACT

This article aims to analyze the knowledge and practices of the fishing population that lives along the banks of Lake Juá, in the municipality of Santarém, State of Pará, emphasizing subsistence fishing as a way of life and its knowledge and practices regarding use and conservation Of the Lake. The methodological approach was done through a bibliographical survey, participant observation and semi-structured interview. The analysis of the data

¹ V ENADIR GT.01 – Justiça Restaurativa, Mediação e Administração de conflitos socioambientais: interfaces entre Antropologia e Direito.

allowed to indicate that the relationship between water, fish and man over the years has been transformed into a socio-environmental problem caused after urban interventions that directly affect the Lake, such as deforestation for the implementation of housing projects as The Buriti Project, as well as the drainage of the sewage from the homes of the "Minha Casa Minha Vida" Program, from the federal government that empties into the Lake. Finally, we conclude from the perspective of the fishermen that it is necessary to constantly rethink practices that make possible the improvement of the quality of life, with the least possible impact on the Lake of Juá.

1. INTRODUÇÃO

O município de Santarém está situado na região Oeste do Estado do Pará e possui uma extensão geográfica de 17.898 Km², apresentando uma população estimada de aproximadamente 294.447 mil habitantes (IBGE, 2016). A parte urbana da cidade está inserida em meio a um complexo mosaico de áreas verdes, rios, lagos, igarapés e Áreas de Proteção Ambiental (APA), dentre eles, destacamos o Lago do Juá que está localizado a cerca de 7 km a oeste do centro da cidade de Santarém, Estado do Pará.

Situado na margem direita do rio Tapajós, desde o ano de 2012, o Lago do Juá vem sofrendo inúmeros impactos ambientais provocados pela crescente expansão urbana do município de Santarém. Empreendimentos habitacionais como “Minha casa minha vida”, do governo federal, o Loteamento Cidade Jardim, de responsabilidade de SISA Salvação Empreendimentos Imobiliários (Buriti Imóveis), e a Ocupação urbana Vista Alegre do Juá, estão entre os aqueles que mais contribuem, e contribuíram para o desmatamento e assoreamento daquele ecossistema.

Nesse sentido, o estudo da percepção ambiental é de suma importância para melhor compreensão das relações entre o homem e o ambiente, envolvendo aí suas expectativas, seus anseios, suas satisfações e insatisfações, bem como julgamentos e condutas, visto que cada ser humano percebe, reage e responde de maneira diferente ao ambiente em que vive, em especial quando se depara com a degradação do ecossistema em que dá sustento para suas famílias.

Por conta disso é que esta pesquisa teve como foco visualizar a percepção dos pescadores locais acerca dos que eles entendem por impactos socioambientais, considerando o modo de viver daqueles ribeirinhos, através da análise das vivências cotidianas com os membros da sua comunidade, os ensinamentos adquiridos de gerações anteriores.

Foram realizadas visitas de campo na comunidade do Juá, fazendo uso do método observacional e coleta de dados através de entrevistas formais e informais e registros fotográficos, com a autorização dos participantes da pesquisa. A pesquisa possibilitou defrontar-se com a realidade socioambiental e cultural das comunidades, e ter acesso aos saberes produzidos por esses grupos locais em seu cotidiano.

Relação da Temática com o GT1, é no sentido de que é latente os conflitos existentes entre os moradores locais do Lago do Juá e os grandes projetos imobiliários que se instalaram as proximidades. Para resolver tal conflito é necessário que a comunidade seja convidada a participar de debates a fim de discutir a implantação destes projetos e ainda, que sejam a eles explicitados os impactos que estão sendo causados ao Lago do Juá.

2. COMUNIDADE DO JUÁ: MODOS DE VIDA E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Ao entorno do lago do Juá existem cerca de trinta casas, dentre as quais, seis delas são de propriedade de pescadores que lá residem há mais de cinquenta anos. Eles denominam o local como Comunidade do Juá. Esse tipo de referência é utilizada empiricamente pela própria população para designar quem é ou não é pertencente a comunidade, ou seja, como referência de identidade, ou de pertença ao lugar.

Assim sendo, do ponto de vista ambiental podemos considerar como “populações tradicionais” aquelas comunidades que moram em áreas de florestas ou às margens de rios e/ou igarapés, utilizam recursos da natureza para viver e, ao mesmo tempo, contribuem para conservar o meio ambiente, culturas, tradições e valores que são transmitidos de geração a geração por via oral e que, historicamente, tem garantido a memória desses modos de vida.

Por conta disso, é salutar ressaltar algumas noções e conceitos que servem como eixo teórico para o entendimento do que sejam as populações tradicionais, observando seus modos de vida, formas de organização social em prol de soluções ambientais e sociais para melhor compreensão dos saberes que orientam as práticas socioambientais e de manejo dos ecossistemas das comunidades locais.

Contudo, nos últimos anos a expansão urbana tem contribuído para desagregação cultural e perda de identidade cultural das populações tradicionais (MAUÉS,1999). Ações desses agentes na região têm repercutido na apropriação de grandes áreas territoriais, na degradação e poluição ambiental. Isto tem alterado a relação entre terra e vida social, que por sua vez, modifica o modo de vida de população tradicional na Amazônia.

De acordo com Diegues (2001), tem ocorrido a expulsão destas populações com a expansão da grande propriedade privada, da propriedade pública (Unidades de Conservação) e dos grandes projetos. Entretanto, as populações tradicionais mantêm um equilíbrio entre suas necessidades básicas e os recursos ambientais. “Há saberes e formas de manejo fundamentais na preservação dos ecossistemas e da biodiversidade” (CASTRO, 2000, p. 168).

Portanto, a noção de populações tradicionais interessa entender os saberes que orientam as relações sociais e culturais e interações ambientais predominantes na área de estudo. Ou seja, como ocorre em termos de sociabilidade a manutenção dos modos de vida das comunidades tradicionais.

2.1) DA PESCA ARTESANAL NO LAGO DO JUÁ

Os pescadores que residem às margens do lago, inicialmente utilizavam a pesca unicamente para subsistência, ou seja, o homem utilizava dessa atividade extrativista para simplesmente complementar sua alimentação sem caráter de venda. Com o passar dos anos e posteriormente com o surgimento de comunidades e vilas as proximidades, os pescadores iniciaram então a produção de alimentos para a comercialização.

O peixe é um dos principais recursos naturais explorados pela comunidade tanto para subsistência quanto para comercialização. Contudo, a pescaria é realizada em pequena escala, somente para suprir a alimentação dos moradores e ainda, para ajudar na compra de insumos necessários para a sobrevivência destes.

Figura 1 Materiais usados para a pesca



Fonte: Alesandra Branches

Na localidade moram seis famílias de pescadores, destas existem seis pescadores artesanais e dois devidamente associados à Colônia de Pescadores Z-20. Tais famílias são oriundas de comunidades de Várzea, e de lá trouxeram parte do conhecimento empírico para a realização da pesca.

Destaca-se que durante o inverno amazônico, o nível das águas dos rios Amazonas e Tapajós que banham o município de Santarém sobem e as comunidades da Região de Várzea são inundadas, fazendo com que as famílias que moram nestas localidades fiquem impossibilitadas de fazer cultivos, criar animais, dentre outras atividades que contribuem para a subsistência de seus membros.

Fugindo desta intempérie natural é que estas famílias encontraram no Lago do Juá um ambiente propício para que pudessem fazer pequenas plantações, desenvolverem a pesca artesanal e garantir o sustento de todos sem ter que reajustar suas atividades a cada seis meses.

Como aliados para a pesca no Lago surgiram instrumentos tecnológicos que gradativamente foram incorporadas à pesca de subsistência, tais como bajaranas a motor, fios de náilon para a confecção de tarrafas e malhadeiras, assim como pequenas geleiras que ampliaram a capacidade de extração e armazenamento dos recursos pesqueiros, a fim de realizar a comercialização.

Contudo, por conta da calmaria no Lago, a pesca por meio de malhadeiras é mais favorável segundo os pescadores, sendo que para cada espécie de pescado, existe uma malhadeira específica, isto é, com tamanhos e espessuras diferentes. Além deste instrumento, utiliza-se também, tarrafas, caniços e outros. Os pescadores desde muito cedo aprenderam a manusear os apetrechos para a pesca, inclusive a tecê-los para uso próprio, como é o caso das malhadeiras.

As espécies que mais são capturadas pelos pescadores locais são o jaraqui, o “aracú”, “caratinga”, “mapará”, e o tucunaré. As vendas são realizadas na porta das casas dos próprios pescadores, que comercializam o pescado para atravessadores, e estes por sua vez, os revendem para mercados os mais próximos como os da grande área do Maracanã e do Mapiri. Em alguns casos a comercialização é feita sob encomenda, como é o caso do Jaraqui e do charutinho.

Além da pesca, os moradores cultivam hortas domésticas nos fundos de seus quintais. Lá eles cultivam cheiro verde, coentro, cebolinhas, tomates, além de plantas medicinais. Contudo, tais plantios são feitos sobre pequenos jiraus, que são espécies de grades de

madeiras, sobre esteios fixados ao chão, aonde são colocados estrumes que servem de adubo para o cultivo dos produtos.

Cada casa possui sua pequena horta suspensa, posto que no período de inverno, o Rio Tapajós toma conta da coroa de areia em que estão erguidas as casas e cobre toda a extensão de terra. As técnicas de captura do pescado são repassadas de pais para filhos, assim como o manuseio das hortas domésticas foram herdadas pelos seus antepassados.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Comunidade que fica localizada ao entorno do Lago do Juá, localizado no município de Santarém, região oeste do Estado do Pará. O trabalho de campo para a coleta de dados ocorreu no período de maio a julho de 2017 com quinze pescadores, ora moradores da referida comunidade.

Os procedimentos metodológicos para levantamento de dados foram determinados pelo caráter da pesquisa ser descritiva quali-quantitativo, possibilitando assim estudar as percepções desses moradores/pescadores e os fenômenos ora ocorrentes, e suas relações com o ecossistema em que vivem, usando, como sugere Gil (1999) às técnicas da observação participante, entrevistas estruturadas participante com questionários previamente elaborados.

O levantamento da percepção ambiental dos pescadores foi realizado através da aplicação de um questionário estruturado, contendo onze perguntas abertas, onde os focos principais foram às temáticas voltadas para os impactos socioambientais provocados pelos projetos de expansão urbana. Essa pesquisa foi desenvolvida com o intuito de conhecer a percepção ambiental, o nível de informação, o interesse na participação de ações que contribuam para a qualidade ambiental, medindo o conhecimento básico daqueles pescadores acerca dos impactos socioambientais no lago do Juá.

Os dados coletados e registrados nas cadernetas de campo e nos questionários foram organizados e sistematizados em fichas por ator social entrevistado. Após, os dados foram tabulados e sintetizados através do programa Microsoft Office Excel 2010.

Segundo Faggionato (2002), existem várias formas de se estudar a percepção ambiental, entre elas o uso de questionários, mapas mentais e até representação fotográfica. Para a autora existem trabalhos de percepção ambiental [...] “que buscam não apenas o entendimento do que o indivíduo percebe, mas promover a sensibilização, bem como o desenvolvimento do sistema de percepção e compreensão do ambiente”.

Para que o estabelecimento de propostas de educação ambiental em uma área impactada seja eficiente, é importante detectar os níveis de percepção ambiental da população da referida área para que se conheçam seus valores atitudes, condutas e como os impactos sofridos influenciaram na percepção desses indivíduos.

4) DA TRANSFORMAÇÃO DO LAGO SOB A PERCEPÇÃO DO PESCADOR

Os comportamentos humanos derivam de suas percepções do mundo, cada um reagindo de acordo com suas concepções e relação com meio, dependendo de suas relações anteriores, desenvolvida durante sua vida (MENGHINI, 2005).

Para FACIONATTO (2007) cada indivíduo percebe e responde diferentemente frente às ações sobre o meio, assim o estudo da percepção ambiental é de suma importância pra que se possa compreender as inter-relações homem/ambiente, pois sabendo como os indivíduos percebem o ambiente em que vivem, sua fonte de satisfação e insatisfação, será possível a realização de um trabalho partindo da realidade do público alvo.

Inicialmente, após a análise dos questionários, áudios e conversas com os pescadores locais, restou claro que a preservação do lago do Juá e da mata ao seu entorno estão intimamente associados ao existir pessoal e comunitário daqueles moradores, sobretudo, em torno de uma consciência ecológica associada à necessidade de sobrevivência humana.

Ressalta-se que foram elaboradas perguntas de forma que o entrevistado não respondesse somente sim ou não, e sim que interagisse a fim de descrever se houve ou não degradação do Lago. Além do mais, fazê-los compreender através dessa conversa que está inserido num contexto maior, e que, portanto, necessita exercer seu papel de morador e cidadão no processo de conservação do lago.

Assim sendo, considerando o exposto, vislumbrou-se que os afazeres do cotidiano, desde as tarefas de casa até as atividades econômicas, são os elementos que fundamentarão o modo de viver daquela comunidade de pescadores, e que nessas atividades o modo como são feitas e as relações sociais envolvidas nas mesmas demonstram preocupação com a existência de todo o ecossistema que circunda o Lago do Juá.

No mais, os pescadores residentes no lago do Juá enumeraram vários problemas socioambientais que afligem aquele ecossistema. Inicialmente enfatizaram a devastação de uma extensa área de terra firme para a construção de um residencial imobiliário. Em seguida, lembraram do assoreamento do fundo do lago com resíduos de solos provenientes da área

desmatada descrita anteriormente; além do esgoto oriundo das casas do “Projeto Minha Casa Minha Vida” que desemboca as margens do Lago.

Figura 1 Lago do Juá



Fonte: Erick Jennings

Em relação à pesca, um dos principais impactos provocados é a redução de espécies de pescados no Lago, e até mesmo o desaparecimento de outras. Destaca-se que as águas do que eram límpidas e devido a degradação da área ao entorno, mudaram de cor. Ela aparenta estar barrenta, provavelmente por conta da lama que desce da área devastada pela Empresa Buriti e desemboca dentro Lago no período de chuvas, todavia, após quatro anos do início do processo de expansão, somente após a paralisação das obras do Projeto Buriti em 2012, é que a água começou a voltar ao normal. Por conta disso, os peixes não conseguiam adentrar o lago e retornavam para o rio Tapajós.

No mais, acrescentam ainda, que está ocorrendo uma superexploração do pescado. Isto por que os recursos daquele ecossistema são considerados bens livres, não tendo um regime de propriedade definido, de modo que cada usuário pode subtrair parte do patrimônio que pertence a todos. Assim, por conta da demanda, o pescado é insuficiente para atender a todos. Segundo relatos dos pescadores, a briga por espaço no lago é grande, provocando em certas situações, até brigas, por conta do escasseamento do pescado.

Além disso, os pescadores sugerem o uso de políticas públicas e sociais, com maior efetividade em ações de monitoramento, fiscalização e punição a atividades e processos que possam comprometer a qualidade socioambiental da comunidade e consequentemente do

lago, inclusive, no sentido de retomar a segurança dos moradores locais, haja vista o aumento da violência na área, como a ocorrência furtos de equipamentos de pesca.

Dessa forma é importante destacar a consciência ambiental que torna possível o sujeito participar diretamente da construção do seu conhecimento, que possibilita uma leitura do mundo mais realista e menos mistificada, gerando segurança para desvendar o mundo e criar condições de melhorá-lo (RUCHEINSKY, 2001).

Por fim, o estudo apresenta um panorama da realidade ambiental do Lago, através da perspectiva de pessoas que o vivenciam diariamente, e fazem de tudo para que o lago não seja ainda mais afetado por conta da expansão urbana. Ressalta-se, ainda, que os maiores degradadores estão sendo alvos de ações judiciais, contudo, que se arrastam durante anos, sem qualquer, portanto, medida impositiva a fim de evitem a destruição daquele ecossistema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O objetivo inicial do estudo era avaliar a percepção ambiental da população pesqueira residente ao entorno do lago do Juá, especificamente, na comunidade do Juá, no município de Santarém, permitindo, sobretudo, a identificação, a quantificação dessa percepção frente aos múltiplos impactos ambientais e sociais provocados pela expansão urbana do município de Santarém nos últimos anos, tais como a devastação da mata, o assoreamento do lago e conseqüentemente a escassez do pescado.

Como resultado da pesquisa, concluiu-se pela necessidade de instigar os pescadores a fim de desenvolverem um pensamento crítico em relação ao meio, incentivando a realização de exigências junto ao poder público por resultados que demonstrem um cuidado especial com aquele ecossistema.

Percebeu-se também que os moradores sabem dos problemas existentes, têm conhecimento de instituições ou grupos que possam agir em defesa do meio ambiente e, contudo acreditam que qualquer ação visando a repressão contra a degradação do meio é papel do poder público municipal e órgãos dependentes, e não deles, uma vez que se consideram fragilizados, hipossuficientes ante aos grandes empreendimentos imobiliários que circundam o lago.

Destaca-se que foram levantadas algumas dúvidas nas respostas dos questionários, o que nos permite concluir que a percepção do que é impacto social e ambiental para eles precisa ser mais bem abordada, a fim de que façam uma melhor avaliação crítica.

Conclui-se, portanto, que a percepção ambiental entre os pescadores que moram ao entorno do lago do Juá é limitada, havendo uma grande necessidade de atenção do poder público para uma melhor gestão ambiental, e uma melhor infraestrutura ao longo do local, destacando a expansão urbana do município de Santarém ao entorno do Lago do Juá.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIEGUES. Antônio Carlos Santana. O mito moderno da natureza intocada. Povos e Mares (NUPAUB, 1995) e Ecologia Humana e Planejamento em Áreas. 3.a ed. São Paulo. 2000. (NUPAUB, 1994)

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo, Brasil, Hucitec, 1996.

_____. **Povos e mares**. São Paulo, Brasil, NUPAUB-USO, 1995.

DESCOLLA, Philippe. Ecologia e Cosmologia, In Edna Castro e Florence Pinton., Faces do Trópico Úmido, Edit. Cejup, Belem, 1997.

FAGGIONATO, S. **Percepção ambiental**. 2002. Disponível em:<<http://www.educar.sc.usp.br/textos>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

_____. **O que tem a ver percepção ambiental com a educação ambiental?**. São Paulo, Mar. 2007. Disponível em:<http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html#percepcao>. Acesso em: 02 de agosto de 2017.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios da antropologia interpretativa**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 366 p

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

<http://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2015/10/entidades-denunciam-degradacao-ao-lago-do-jua-em-santarem.html>. Acessado em 28/07/2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados sobre o município de Santarém**. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/1506807>. Acesso em jan 2017.

LOBATO, W. **Educação e meio ambiente**: o desafio da incorporação da dimensão ambiental e prática docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA. Belo Horizonte. **Anais**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1999.

MENGHINI, F. B. **As trilhas interpretativas como recurso pedagógico**. 2005. 103p. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí-SC.

RUCHEINSKY, A. **Meio Ambiente e percepção do real: os rumos da educação ambiental nas veias sociais**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v., p 26-44, out./dez. 2000.